

DE JFK A FAKE NEWS: TEORIAS DA CONSPIRAÇÃO EM DUAS ENCARNAÇÕES DE THE X-FILES

Rodrigo QUINAN¹, (UFF)

Resumo: Este artigo tem como objetivo analisar a relação de duas encarnações da série americana The X-Files com o fenômeno das teorias da conspiração. Cada vez mais presentes na cultura popular desde a década de 1960, o artigo pretende desenvolver sobre o surgimento destas teorias para então relacioná-las com a exibição original de The X-Files (1993-2002) e com o *revival* da série (2016-2018), percebendo qual significância social as teorias da conspiração tinham em cada momento específico da história.

Palavras-chave: Conspiração, Televisão, Séries

Abstract: This article's goal is to analyze the relation between the two runnings of the tv show The X-Files with the conspiracy theory phenomenon. Featuring increasingly more in popular culture since the 60s, this article aims to develop on the emergence of these theories relating to the original exhibition of The X-Files (1993-2002) and its revival (2016-2018), realizing what social significance the conspiracy theories had at each specific moment in history.

Keywords: Conspiracy, Television, Series

Introdução

Uma pesquisa do *Zogby International* mostrou que 49% dos residentes de Nova Iorque acreditam que “o governo americano sabia com antecedência dos ataques de 11 de setembro e conscientemente falhou em agir”², algo que exemplifica como no novo milênio as teorias da conspiração tem se tornado cada vez mais capaz de afetar a forma como a sociedade interpreta a realidade. Elas, entretanto, passaram por uma trajetória de entre as décadas de 1960 e 2010 onde seu significado social foi constantemente modificado. Este artigo está estruturado em 3 partes: na primeira debatemos a origem e as motivações das teorias da conspiração; na segunda apresentamos nosso objeto: The X-Files, série TV americana com temática de teorias da conspiração, e falamos sobre como ela dialogou com esse contexto nos anos 90. Na parte final falamos do *revival* de X-Files, que voltou a TV em janeiro de 2016 e encontrou outras questões ao reconstruir sua narrativa de conspiração.

¹ Mestrando em Comunicação pelo PPGCOM-UFF, rodrigoquinan@id.uff.br

² <https://web.archive.org/web/20081217161036/http://www.zogby.com/search/ReadNews.dbm?ID=855>
Acesso: 28/11/2018

Origem, Definição e Motivações de Teorias da Conspiração

O primeiro momento onde o termo “Teoria da Conspiração” é usado em grande escala é na década de 1960, quando os veículos de comunicação estadunidenses, de forma pejorativa, se referiam às teorias que negavam a versão oficial do assassinato do presidente John F. Kennedy. Nas próximas décadas, o termo passou a ser adotado mundialmente para se referir às tentativas de explicação alternativas à acontecimentos importantes. (SILVA, 2010).

Keeley (1999, p.4) define o termo como: “uma explicação proposta para algum evento histórico (ou eventos) em termos de agência de causalidade significativa de um grupo relativamente pequeno de pessoas – os conspiradores – agindo em segredo”, com Nicolas (2016, p.261) apontando um imaginário de “certos homens que têm uma capacidade de prejudicar e um poder inversamente proporcional ao fato de serem poucos em número [...] homens que não sabemos necessariamente quem são, mas que sabemos necessariamente que existem e agem em qualquer lugar”.

Apesar do termo ganhar frequência no Século XX, tal forma de pensar precede em séculos, como por exemplo nos tempos da Revolução Francesa onde encontrava-se uma crença de que sociedades secretas, tais como Maçonaria e Illuminati, estariam à frente dos conflitos armados, conspirando para a “destruição de todos os governos e religiões da Europa” (AZARIAS, 2015).

Na modernidade, teorias da conspiração são tratadas como *conhecimento estigmatizado*, isto é, ignorado ou rejeitado pelas instituições pela qual a sociedade se apoia para verificar estes fatos: universidades, comunidades médica e científica, governos, a grande mídia e em alguns casos até figuras religiosas. Os crentes nas teorias da conspiração, por sua vez, muitas vezes rejeitam igualmente a autoridade dessas instituições, escolhendo as ver com ceticismo, muitas vezes vendo uma ou mais destas instituições como parte da rede de elementos que trabalha em conjunto para suportar essas conspirações (BARKUN, 2016).

Teóricos analisam teorias da conspiração surgem de uma necessidade coletiva de dar sentido e propósito para acontecimentos traumáticos, injustos e de difícil compreensão, onde a explicação delas busca restaurar o sentido perdido, humanizando, dando razão, corpo e causas a episódios dolorosos afim de justificar que seus acontecimentos não ocorreram por nada (NICOLAS, 2016), vendo na negação da

ambiguidade como uma oportunidade de recuperar parte do controle perdido após o acontecimento traumático. Como analisaremos em uma parte posterior do texto, o indivíduo da modernidade em especial tem uma relação particular com as lógicas destas teorias.

Tomemos uma das maiores e mais polêmicas teorias da conspiração como exemplo: as relacionadas a queda das Torres Gêmeas em 11 de Setembro de 2001. Há dezenas de desdobramentos diferentes das teorias que contestam os acontecimentos oficiais dos ataques ao World Trade Center, e todas construídas da forma similar: com uma investigação amadora, baseada em supostas contradições na cronologia dos eventos e em uma análise feita em cima de imagens produzidas pela cobertura televisiva. Com os ataques ocorrendo já na Era Digital, a Internet se torna uma importante ferramenta para a divulgação e o debate das teorias da conspiração, com a criação de sites como RememberBuild7³, a produção de documentários independentes⁴ e até mesmo a criação de grupos como o *9/11 Truth Movement*, todos buscando a mobilização social entorno de uma investigação independente do que realmente aconteceu nos ataques; as teorias vão desde acusar o governo americano de ter conhecimento prévio dos ataques até culpabilizar ele como responsável direto pelas explosões – que para muitos crentes, não foi causada por aviões, mas por explosivos anteriormente colocados no prédio.

As investigações podem inclusive contestar cientificamente as explicações oficiais dos acontecimentos. *Jet Fuel Can't Melt Steel Beams* entrou para a cultura popular como um meme⁵ após a exaustiva repetição por crentes das teorias sobre o 9/11. A frase acusa que combustível de avião não seria o suficiente para derreter as colunas que suportavam os prédios, portanto a colisão dos aviões não seria capaz de derrubá-los, contestando a versão oficial dos fatos e colaborando com as já mencionadas teorias que apontam para o uso de explosivos. Diante das acusações, a mídia tradicional logo tenta retomar a autoridade sobre a informação trazendo especialistas para desmentir as versões que se opõem a verdade que foi veiculada pela mídia, algo exemplificado pela National Geographic produzindo o documentário *9/11: Science and*

³ <https://rememberbuilding7.org/> Acesso: 27/11/2018

⁴ A série *Loose Change*, por exemplo, produziu várias edições de documentários independentes reforçando as teorias da conspiração sobre o ataque ao WTC.

⁵ <https://knowyourmeme.com/memes/jet-fuel-cant-melt-steel-beams> Acesso: 27/11/2018

*Conspiracy (2009)*⁶, buscando trazer engenheiros e cientistas para colocar à prova os argumentos dos crentes e eventualmente desmentir as teorias da conspiração. Neste documentário, especialistas escolhidos pelo canal concluem que o combustível de avião era mesmo suficiente para derreter as vigas; os crentes, por sua vez, contestam a edição e incluem os meios de comunicação tradicional como parte do que eles veem como conspiração.

Desta forma, as teorias da conspiração sobre o 11 de Setembro podem ser lidas como uma negação de um ataque externo; ao negar a capacidade de um grupo estrangeiro como a Al-Qaeda de destruir as Torres Gêmeas sem, pelo menos, o auxílio e permissão do governo americano, o conspirador estadunidense pode tratar os ataques como uma conspiração doméstica, mais confortável no luto e na manutenção de status quo do que a ideia de que o inimigo estrangeiro é capaz de vencer seus sistemas de defesa. Ao, através da investigação independente, saber como e porquê⁷, o indivíduo sente-se situado e a par do que ele tem como verdade.

Teorias da conspiração se disseminam não apenas pelo forte apelo emocional (geralmente lidando com situações onde inocentes são prejudicados), mas porque também despertam sobre indivíduos a sensação de posse sobre algo secreto. Indivíduos estes que, cada vez mais anônimos em um mundo de forças burocráticas, encontram neste secretismo uma resposta a impotência. (SILVA, 2010) com Hofstadter (1964) apontando que muitos dos cidadãos que acreditam nestas teorias da conspiração por conta da própria paranoia, olhando para si mesmos como indivíduos perseguidos e impotentes.

Azarias (2015, p.46) faz uma relação entre as teorias da conspiração e os conceitos de *imaginário político*. Ele identifica o pensamento político coletivo deformado por elementos emocionais e por expectativas, pouco funcionando de forma racionalmente organizada. Citando Maffesoli (2001), ele aponta que o *imaginário* é um “conjunto de ideias ricas em fantasia, em afetividade, em irracionalidade, mas que, mesmo assim, seriam extremamente eficazes em influenciar as decisões do povo”,

⁶<https://web.archive.org/web/20110518135528/http://channel.nationalgeographic.com/episode/9-11-science-and-conspiracy-4067/> Acesso: 27/11/2018

⁷ A causa geralmente apontada é de que os ataques favoreceriam a opinião pública e parlamentar a favor de uma invasão ao Iraque, onde o governo americano teria interesse em recursos naturais.

apontando mecanismos sentimentais utilizados de forma essencial para a disseminação destas ideias.

Desta forma, teorias da conspiração se apresentam como reflexo direto da perspectiva emocional e social dos indivíduos que as propagam, representando uma oportunidade de desvendar não apenas as funções e motivações destes mitos, mas quais aspectos da realidade eles refletem (SWAMI & COLES, 2010).

The X-Files captura o espírito das teorias da conspiração dos anos 90

A Guerra Fria foi um momento marcado pelo patriotismo americano, que reafirmava valores ocidentais contra uma conspiração comunista que visava “dominar o mundo com uma ideologia sem deus” (HEALE, 1990, p. 175). No entanto, a década de 1970 foi marcada por uma série de acontecimentos que fez o povo americano olhar com desconfiança para suas instituições governamentais. A Guerra do Vietnam, os escândalos do Watergate e revelações sobre experimentos secretos da CIA criaram um estado de desilusão pública (ZINN, 1980, p.542). No entanto, a paranoia na Guerra Fria ainda assegurava o patriotismo do povo americano. Parte do uso da paranoia como artifício político é a produção de um bode expiatório, uma narrativa que dá a um fator externo o protagonismo de ameaça ao status quo, criando uma situação de perigo (que evoca medo e ansiedade) onde esforços tem de ser concentrados na defesa contra este inimigo (LIEBEL, 2017). Desta forma, os comunistas eram os bodes expiatórios dos americanos na Guerra Fria, e qualquer crítica interna muitas vezes era colocada em segundo plano devido a existência de um “mal maior”.

A década de 1990 começa com forças políticas mundiais reconfiguradas após o fim da Guerra Fria e a queda do muro de Berlim. Sem um inimigo identificável para justificar cada ação governamental, os americanos viraram suas ansiedades para seu próprio governo. A imprensa americana, após perceber o quão lucrativa foi a intensa cobertura midiática do Watergate, passou a explorar cada vez mais o ceticismo ao seu governo, com coberturas cada vez mais agressivas em cima de casos de corrupção governamental (SOUKUP, 2002). Uma enquete realizada pelo Galop Poll apontou, em 1992, que 75% do público “confia parcialmente” ou “nunca confia” em Washington (MOORE, 1996, p.22). Logo, teorias da conspiração seriam retratadas no entretenimento, como em grandes produções cinematográficas como *JFK (1991)*,

Independence Day (1996) e *Enemy of the State (1998)*, e também em uma nova série de televisão que duraria por mais de 200 episódios.

The X-Files foi ao ar em setembro de 1993, no canal de TV aberta americano Fox. A série contava a história dos detetives Fox Mulder (David Duchovny) e Dana Scully (Gillian Anderson), únicos integrantes de uma divisão do FBI chamada de *Arquivo X*. Nesta divisão, casos não-solucionados, geralmente por ausência de explicações lógicas, eram trabalhados pelos detetives. Estes casos quase sempre giravam entorno de conspirações e do paranormal. O arco principal da narrativa da série, estendido pelas 9 temporadas originais que foram ao ar entre 1993-2002, mostra a saga dos detetives tentando expor uma conspiração governamental que esconde a existência de extraterrestres e seus planos para colonizar o planeta. A série foi um dos produtos mais bem-sucedidos da televisão e da cultura pop dos anos 90, atraindo em média 15 milhões de espectadores por semana apenas nos Estados Unidos (REEVES, 1996, p. 27), em um número que chegou a 29 milhões no seu melhor dia (MEISLER, 1999), lançando um longa-metragem de sucesso e inúmeros produtos como spin-offs, videogames, quadrinhos e merchandising.

Academicamente, The X-Files é apontado como uma série importante pelo seu original modelo narrativo híbrido que misturava elementos episódicos e serializados em uma época onde a ficção seriada era majoritariamente episódica (MITTEL, 2015). Isto aponta para os dois formatos de episódios de X-Files, reconhecidos assim oficialmente pela produção: os episódios *mythology*, que davam procedimento ao arco principal envolvendo extraterrestres e os *monster-of-the-week*, casos individuais que começavam e encerravam na mesma noite. Embora o segundo várias vezes trate de conspirações, a elasticidade do formato permitia experimentações e a série, através dos seus MOTW, constantemente gravitava entre os gêneros policial, horror, ficção científica, fantasia e eventualmente autoparódia. Mas os episódios *mythology* constituíam em uma clássica narrativa de conspiração.

Fenster (2008, p. 140-142) descreve narrativa de conspiração como uma construída com seu enredo se movendo em direção ao desmascaramento de algum esquema obscuro que causou turbulência ao mundo onde a história passa, mas, ao mesmo tempo, o trabalho dos investigadores nunca pode ser completado pois os

conspiradores estão sempre a um passo a frente dos protagonistas, apagando evidências e desfazendo o progresso dos detetives. Ele aponta The X-Files como exemplo:

Mulder e Scully começam a investigar algum fenômeno; eles então lidam com algum impedimento colocado por forças governamentais, em um processo onde apuram conhecimento através de informantes que são eles mesmos partes do governo. Então, quando os agentes finalmente parecem perto de uma explicação do fenômeno e de evidência incriminadora da sua duplicidade com o governo, sua busca é frustrada e eles devem começar de novo no próximo episódio com pouco a mostrar (FENSTER, 2008, p. 145)

Convenientemente, o formato da narrativa de conspiração se encaixa perfeitamente com o hibridismo serializado/episódico proposto pela série: uma vez que a maioria dos episódios serializados terminam com os agentes sem evidências para apresentar, a série está livre para na próxima semana engajar seus espectadores nos seus episódios *monster of the week* com histórias independentes. Mas a relação com teorias da conspiração não apenas beneficiou o formato narrativo da série, mas o engajamento com os fãs: no mesmo 1993 que The X-Files foi ao ar, a World Wide Web foi disponibilizada publicamente, em um ato que marcou o início da comercialização da Internet.

A série foi uma das primeiras a ter forte engajamento online de fãs, que se reuniam em fóruns para discutir, analisar e procurar pistas que explicassem as conspirações apresentadas através de uma complexa narrativa se estendia por longas temporadas de 20-25 episódios. Tal como os crentes em teorias da conspiração, os fãs, que referiam a si próprios como *X-Philes*, se reuniam em convenções, criavam centenas de sites dedicados a série, conversavam em *chat rooms*, escreviam *fanfic*, elaboravam longas teorias para debater, com outros *X-Philes*, as possíveis respostas para as perguntas nunca respondidas pela série, que consistiam não apenas em complicadas conspirações, mas na natureza do relacionamento de Mulder e Scully.⁸

⁸ A série sempre tratou de forma ambígua o relacionamento entre os detetives, ora tratando como uma amizade, ora como algo platônico, ora insinuando uma tensão sexual, ora dando pistas que os agentes transaram, para nas últimas temporadas da série original estabelecer os dois como um casal. No *revival* a

Para a série ser tão amigável para este tipo de engajamento, *The X-Files* constrói sua narrativa como um *texto aberto*, que é descrito assim por Eco (1979, p. 49-50) por “permitir incontáveis diferentes interpretações” e “possuir uma certa incerteza sobre seu próprio significado”, criando assim uma “estrutura de labirinto” ao texto que encoraja os leitores de se engajarem criticamente para sua resolução. Assim, pela história de *X-Files* ser apresentada ao espectador como parcialmente incompleta, a série encoraja sua audiência a preencher os vazios que faltam no texto (SOUKUP, 2002). Não apenas as teorias da conspiração são um tema conveniente para um texto aberto, mas outros temas recorrentes de *X-Files* como o paranormal, aparições, sonhos e metalinguagem são escritos sob uma ambiguidade que estimula interpretações pessoais tanto sobre os desdobramentos narrativos quanto sobre o simbolismo por trás dos momentos surreais da série.

Este formato pode causar também frustração aos espectadores, e “a história não chega em lugar nenhum” é a justificativa frequentemente usada para aqueles tantos⁹ que abandonaram a série em algum momento dos 9 anos que esteve no ar. Fenster (2008) identifica que narrativas de conspiração geralmente se recusam ou tem problemas com a ideia de resolução, apontando que o formato tem desfechos, mas raras resoluções. Com a narrativa de longos anos estendida pela série se tornando circular (BRINKER, 2017), incluindo novas conspirações substituindo as antigas, em sequências de acontecimentos drásticos que quase sempre, no fim do episódio, colocavam os personagens no mesmo lugar de sempre, os espectadores ora se frustravam nas suas interpretações tanto quanto os personagens (CLERC 1996, p. 38)

Ainda assim, *The X-Files* se manteve no ar por 9 anos, terminando sua exibição em 2002 como a série de ficção científica que ficou mais tempo no ar na TV americana. A série obteve grandes audiências devido a forma como capturou o ethos dos anos 90, não apenas com teorias da conspiração, mas com retrato das tensões entre ciência e espiritualidade, modernismo e pós-modernismo, e as meditações sobre a busca pela

ambiguidade volta. O termo *shippar*, popularmente usado por fãs que torcem pela união de algum casal ficcional, nasceu nos fóruns de *The X-Files* na Internet nos anos 90, quando os fãs se dividiam em dois grupos: os *shippers*, que torciam pela união romântica de Mulder e Scully, e os *nonroms*, que torciam para a relação ser apenas uma amizade.

⁹ A última temporada da série chega tem em média 8 milhões de espectadores por episódio; em temporadas antigas como a 4ª o número passava constantemente 20 milhões. (KESSENICH, 2002, p. 193)

verdade. A natureza questionadora e o forte compasso moral dos protagonistas da série os configuram como indivíduos da modernidade. Nicolas (2016), identificando a relação entre a modernidade e os crentes em teorias da conspiração, descreve:

A modernidade fez da crítica e da dúvida o coração da autonomia do sujeito, o coração da razão moderna. Aquele que duvida, que expressa sua incredulidade, que busca criar sua própria opinião e saber mais, que não tem uma confiança cega na autoridade dos poderosos nem nas intenções daqueles que decidem, parece responder, em primeiro lugar, às exigências do espírito moderno. Ele se sente, mais do que qualquer outro, confortado e justificado na posição que adota e busca defender diante daqueles que recebem os acontecimentos do mundo e suas explicações sem interroga-las. (NICOLAS, 2016, p.265)

Desta forma, a natureza subversiva, mas sempre moralmente intencionada, de Mulder e Scully legitima os detetives como indivíduos da modernidade, sendo retratados como heróis, constantemente defendendo oprimidos e abandonados contra forças opressoras que necessariamente detêm algum tipo de poder, na maioria das vezes governamental, mas também retratado pela série como empresarial. Enquanto a personagem Dana Scully, médica e cientista, funciona como um complementar mais realista às conspirações e elementos paranormais, o personagem Fox Mulder é todo desenvolvido dentro do ethos da teoria da conspiração. Mulder tornou-se adepto delas por questionar a versão oficial de um grande evento traumático da sua vida (a perda de sua irmã, abduzida por aliens), ele é paranoico (tampa com uma fita a câmera do seu computador), rejeita autoridade governamental (constantemente ignorando hierarquia), midiática (se informa através de veículos alternativos e informantes) e científica (acredita em explicações sobrenaturais ou aquelas estigmatizadas como pseudociência, em constante choque com a parceira, que é uma mulher da ciência). Ele também acredita em teorias da conspiração do mundo real, como as do assassinato de John Kennedy, que são mostradas em um flashback em um episódio da série como reais.

Como série de televisão, The X-Files vendeu a experiência de resistência encontrada nas teorias da conspiração (SOUKUP, 2002), compactada em doses de 42 minutos semanais, experiência esta pesadamente estilizada com uma grande produção

que passou a ter mais e mais orçamento para realizar suas ambições estéticas, estrelada por atores atraentes em papéis carismáticos e contando com uma narrativa complexa e preparada para engajamento dos fãs.

Revival de X-Files e a Problemática Conservadora

Não é coincidência que *The X-Files* foi cancelado pouco após os atentados de 11 de setembro que representaram mais uma pesada reconfiguração no cenário político mundial. Teorias da conspiração continuavam cada vez mais a existir, a exemplo das já mencionadas sobre os atentados, mas ao mesmo tempo após os ataques os Estados Unidos mais uma vez tinham a figura do “outro”, representada no terrorismo islâmico que foi responsabilizado por atacar não só as torres gêmeas, mas como os comunistas, o status quo americano. Assim, as invasões ao Afeganistão e Iraque nos anos seguintes viram uma nação polarizada: uma parte apoiava as guerras, reproduzindo o patriotismo e paranoia da Guerra Fria, outra fazia oposição às invasões. O criador de *X-Files*, Chris Carter, afirmou que a série foi cancelada por ter ficado inviável no clima político pós 11 de setembro¹⁰ e apesar de estar longe de ser a única razão (perda de audiência que desistiu da história, saída de Duchovny, rejeição a novos personagens), é possível enxergar o cenário político pós 11 de Setembro se encaixando melhor com séries como *24*, *Lost* e *Battlestar Galactica* que tratavam abertamente questões como nacionalidade, política, tragédia e discriminação em longos arcos serializados enquanto *X-Files*, apesar de notavelmente generoso com a figura do “outro” (BRINKER, 2017), pouco tocava nesses temas por mais de uma semana. A série voltaria ao ar 14 anos depois ao seu cancelamento, com um segundo longa-metragem acontecendo no meio do caminho.

Em janeiro de 2016, após uma pesada promoção na Fox, em redes sociais e eventos de fãs (BRINKER, 2017), *The X-Files* voltou para uma curta temporada de 6 episódios. Duchovny e Anderson voltavam para os papéis de Mulder e Scully, com Chris Carter e outros roteiristas da série original voltando a produção. Nestes 6 episódios, o primeiro e o último seriam no formato *mythology*, e todos no meio seriam episódios independentes, clássicas histórias *monster of the week*. O cenário era bem diferente, entretanto.

¹⁰ <https://io9.gizmodo.com/360044/chris-carter-says-911-killed-x-files-but-america-is-ready-for-it-again>
Acesso: 28/11/2018

Teorias da conspiração continuaram existindo, mas elas logo estariam cada vez mais claramente inseridas em um processo muito maior não só de transformação da concepção de verdade, mas de crise da informação. Em uma enquete do comediante americano Stephen Colbert, em outubro de 2005, o termo *Truthiness* foi usado para descrever a cada vez mais constante afirmação de fatos baseados em apenas intuição dos indivíduos, rejeitando evidência, lógica e verificação (COOKE, 2017). *Truthiness* foi eleita a palavra do ano pela American Dialect Society e pelo dicionário Merriam-Webster¹¹ em respectivamente 2005 e 2006. 10 anos depois, após a turbulenta eleição presidencial que culminou na posse de Donald Trump como presidente americano, *Post Truth* foi eleita a palavra do ano pelo dicionário de Oxford¹², com teóricos chegando a afirmar que estamos vivendo uma era da pós-verdade, onde “audiências estão mais propensas a acreditar em informação que apela para emoções ou crenças pessoais, se opondo a procurar e aceitar informação baseada em fatos objetivos” (COOKE, 2017, p. 212).

Desta forma, o engajamento emotivo que descrevemos anteriormente como parte fundamental da teoria das conspirações, agora integra uma crise generalizada da informação onde instituições como mídia tradicional, ciência, academia e medicina perdem autoridade diante de convicções pessoais. Potencializado pelas políticas de financiamento online (em sites indexados ao Google, ou em conteúdo em redes sociais como o Facebook), onde cliques e engajamento online são facilmente financiados sem nenhuma verificação sobre a responsabilidade da informação contida ali (CARLSON, 2018), as chamadas *fake news* tornam-se um dos grandes debates do campo da comunicação na segunda metade da década de 2010, sejam elas criadas apenas para o fácil financiamento digital ou para atender alguma agenda política. Parte da polêmica sobre *fake news* pode representar um estado de pânico moral da mídia tradicional, perdendo espaço, dinheiro e autoridade para novas tecnologias, e estudos sobre a influência das *fake news* na eleição de Donald Trump são divergentes (CARLSON, 2018), mas ainda assim o discurso contido nessas informações elaboradas por emoção ou intuição passa a ser diretamente associado a grupos de extrema-direita e aos resultados vitoriosos dessas novas vertentes conservadoras em eleições pelo mundo,

¹¹ <https://www.cbsnews.com/news/the-word-of-the-year-truthiness/> Acesso: 28/11/2018

¹² <https://en.oxforddictionaries.com/word-of-the-year/word-of-the-year-2016> Acesso: 28/11/2018

com influência de *fake news* apontada no BREXIT¹³ e na vitória de Jair Bolsonaro nas eleições presidenciais do Brasil.¹⁴

Esta passa a ser uma problemática no revival de X-Files: enquanto as conspirações eram utilizadas na narrativa da série nos anos 90 para emular um sentimento de resistência na sua audiência, pouco debatendo política tradicionalmente, agora as teorias da conspiração se encontram precisamente situadas na paranoia conservadora, que justifica atos de violência e irracionalidade como legítima defesa (LIEBEL, 2017), reproduz discurso de ódio, especialmente contra minorias, luta pela volta ao status quo e rejeita a lógica como argumento racional, uma vez que as crenças são parte da sua identidade, da sua força e segurança psicológica, construindo uma nova realidade, possivelmente deteriorada, para justificar situações (FREUD, 2006). A série passa por problemas durante os seis episódios, sendo acusada por críticos de “*renascer acidentalmente de direita*”¹⁵, com eles destacando que o criador Chris Carter é um democrata registrado.

Destacaremos dois momentos do *revival* para exemplificar como a série, ao tentar repetir as estratégias dos anos 90, acabou reproduzindo mitologia conservadora, ambos nos episódios *mythology My Struggle* e *My Struggle II*:

- A. O personagem Ted O’ Malley, descrito como “youtuber conspiracionista de direita”, é retratado como herói subversivo na série, ajudando Mulder e Scully. O personagem é baseado em um youtuber chamado Alex Jones, que reconheceu lisonjeado a menção em um vídeo do seu canal¹⁶, que antes de ser deletado, tinha mais de 2 milhões de inscritos¹⁷. Jones teve o canal deletado por reproduzir continuamente discurso de ódio; na campanha de Trump, em 2016, ele foi

¹³<https://www.independent.co.uk/voices/michael-gove-boris-johnson-brexit-eurosceptic-press-theresa-may-a7533806.html> Acesso: 28/11/2018

¹⁴<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/10/empresarios-bancam-campanha-contr-o-pt-pelo-whatsapp.shtml> Acesso: 28/11/2018

¹⁵https://motherboard.vice.com/en_us/article/qkjbxx/how-the-x-files-was-accidentally-reborn-as-right-wing-propaganda Acesso: 28/11/2018

¹⁶<https://www.youtube.com/watch?v=beQ-5Ie2UI0> Acesso: 28/11/2018

¹⁷<https://www.theverge.com/2018/8/6/17656708/youtube-alex-jones-infowars-account-deleted-facebook-apple-spotify> Acesso: 28/11/2018

recebido por Jones no seu canal, onde ambos compartilharam muitos pontos de vista, vários deles envolvendo teorias da conspiração¹⁸.

- B. A história dos episódios envolve um vírus extraterrestre que infectou a população americana através das vacinas, em uma conspiração onde o governo intencionalmente as infectou. Movimentos anti-vacinação são exemplo das teorias da conspiração causando desinformação de uma forma nociva, com órgãos de saúde ligando esses movimentos¹⁹ ao aumento na mortalidade infantil. Também parte das teorias conservadoras, já foi publicamente favorecida por Trump²⁰

Estes episódios mostram os problemas que repetir estratégias narrativas que faziam sentido em outro momento histórico podem trazer. Estreando meses antes da eleição de Trump, a 10ª temporada de X-Files acabou ressonando discursos conservadores em parte dos seus 6 novos episódios. Entretanto, após o sucesso de audiência do *revival*, a série foi renovada para uma 11ª temporada, que foi ao ar em janeiro de 2018. Mais consciente do seu discurso, a nova temporada contou com 10 novos episódios que tratavam mais de dramas pessoais dos personagens ou de histórias *monster of the week*, quase sempre evitando as conspirações, à exceção do episódio *The Lost Art of Art Of The Forehead Sweet*, que analisando o curioso fenômeno de falsas memórias coletivas, fez comentários mais humorosos criticando os *fake news*.

Conclusão

Este artigo procurou relacionar as duas exibições de The X-Files com o papel específico que as teorias da conspiração desempenhavam em cada momento histórico. Se nos anos 90 as teorias da conspiração eram um indicativo de um ceticismo americano com seu próprio governo após o fim da Guerra Fria remover o bode expiatório comunista, em 2016 elas faziam parte de um discurso conservador específico de um

¹⁸ <https://www.youtube.com/watch?v=4LeChPL0sLE> Acesso: 28/11/2018

¹⁹ <https://www.healthline.com/health-news/children-anti-vaccination-movement-leads-to-disease-outbreaks-120312> Acesso: 28/11/2018

²⁰ <https://www.independent.co.uk/news/world/americas/trump-vaccines-autism-links-anti-vaxxer-us-president-false-vaccine-a8331836.html> Acesso: 28/11/2018

momento histórico onde teóricos identificam uma crise da informação, e ao repetir as mesmas estratégias de duas décadas atrás, *The X-Files* acabou ressonando parte desse discurso. O texto procurou discorrer historicamente sobre motivações pessoais para acreditar, disseminar e legitimar teorias da conspiração, fazendo um apanhado de JFK até as *fake news*, e usando a série *The X-Files* como exemplo de como as lógicas das teorias são adaptadas, representadas e usadas como estratégia na ficção seriada. Esperamos encorajar a continuidade de estudos sobre teorias da conspiração pela forma como sua significância historicamente reflete diferentes aspectos da sociedade, igualmente encorajamos o estudo de *revivals* e os dilemas de adaptar produtos de uma geração para a outra.

REFERÊNCIAS

AZARIAS, Wiverson. “Não confie em ninguém”: teorias da conspiração como mitologia política, **Alabastro**, 2015, ano 3, vol 2, n 6.

BARKUN, Michael. *Conspiracy Theories as Stigmatized Knowledge*, **Diogenes**, 2017

BRINKER, Felix. *Conspiracy, Procedure, Continuity: Reopening The X-Files*. **Television & New Media**, 2017

CARLSON, Matt. Fake News as an informational moral panic: the symbolic deviancy of social media during the 2016 US presidential election **Information, Communication & Society**, 2018

CLERC, Susan J. 1996. “DDEB, GATB, MPPB and Ratboy: The X-Files Media Fandom, Online and Off” Em *Deny All Knowledge: Reading The X-Files*, editado por David Lavery, Angela Hague e Marla Cartwright 22-35. Syracuse: Syracuse University Press

COOKE, Nicole A. 2017. “Posttruth, Truthiness and Alternative Facts: Information Behavior and Critical Information Consumption for a New Age.”. **Library Quarterly: Information, Community, Policy**, vol. 87, no. 3, pp. 211-221. University of Chicago

ECO, U (1979). **The role of the reader**. London, Hutchinson

FENSTER, Mark. 2008. **Conspiracy Theories: Secrecy and Power in American Culture**. Minneapolis. University of Minnesota Press

FREUD, Sigmund. **O futuro de uma ilusão, o mal estar na civilização e outros trabalhos**. (1927-1931). Rio de Janeiro. Imago, 2006

- HEALE, M. 1990. **American anticommunism**. London: John Hopkins University Press
- HOFSTADTER, Richard. 1964. The Paranoid Style in American Politics. **Harper's Magazine**, Edição de Novembro. Pp: 77.86
- KEELEY, Brian. 1999. Of Conspiracy Theories. **The Journal of Philosophy**. No. 96. P. 109-126
- LIEBEL, V. 2017. Uma fachada pelas costas: paranoia e Teoria da Conspiração entre conservadores no refluxo das Greves de 1917 na Alemanha. **Revista Brasileira de História**, Vol. 37, Num. 76.
- MAFFESOLI, Michel. O imaginário é uma realidade. In: **Famecos**. Porto Alegre. n: 1 5 p 74-82, ago, 2001.
- MEISLER, Andy. 1999. **Resist or Serve: The Official Guide to The X-Files, Vol 4**. London, HarperCollins
- MITTEL, Jason. 2015. **Complex TV: the poetics of contemporary television storytelling**. New York: NYU Press.
- MOORE, M. 1996. From a government of the people, to a people of the government. Irony as rhetorical strategy in presidential campaigns. **Quarterly Journal of Speech**, 82, 22-37
- NICOLAS, Loic. 2016. As Teorias da Conspiração Como Espelho Do Século: Entre a Retórica, A Sociologia e a História das Ideias. EID&A – **Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação**, Ilhéus, n: 12. Jul/dez 2016.
- REEVES, Jimmie L. Mark C Rodgers and Michael Epstein. 1996. “Rewriting Popularity: The Cult Files.” In **Deny All Knowledge: Reading the X-Files**, 22-35. Syracuse University Press.
- SILVA, Sandra. **Teorias da conspiração: Sedução e Resistência a partir da Literacia Midiática**, 2010. 87 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação). Faculdade de Letras da Universidade de Porto, Porto 2010
- SOUKUP, Charles. (2002). Television viewing as vicarious resistance: The X-Files and conspiracy discourse, **Southern Communication Journal**, 68:1, 14-26.
- SWAMI, Viren; COLES, Rebecca. The truth is out there. In: **The Psychologist**, Londres, v:23, n: 7, pp. 560-563, jul 2010.
- ZINN, H (1980). **A people's history of the United States**. New York: Harper and Row